

# BLOGUES COMO ARTEFATOS CULTURAIS PÓS-MODERNOS PARA FAZER ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

## LOS BLOGS COMO ARTEFACTOS CULTURALES POSTMODERNOS PARA HACER ALFABETIZACIÓN CIENTÍFICA

**Attico Chassot\***

*A alegria e o rigor científico podem coexistir.*

*R e s u m o*

Este texto pretende mostrar o quanto artefatos culturais pós-modernos como os blogues podem ser usados para fazer alfabetização científica. O texto parte da experiência do autor que teve sua alfabetização em uma lousa e se faz bloguista. Na tentativa de responder a três interrogantes: *O que escrevo? Como escrevo? e Por que escrevo?*, o autor analisa o prazer da escrita e procura alternativas à dificuldade de escrita de textos acadêmicos. O texto refere uma Escola [aqui considerada como qualquer estabelecimento (de Educação Básica ou de Ensino Superior)] que na modernidade era disseminadora do conhecimento para transformar-se em uma receptora de conhecimento e questiona um abandono da Escola: a produção do conhecimento. Acena-se para os problemas do “amadorismo” nas escritas internéticas. Comenta-se a respeito de significados psicológicos acerca do escrever de si. Há ainda uma comparação das maneiras mais tradicionais de escritas de diários com aquelas mais modernas, como os blogues.

*Palavras - Chave:* Alfabetização Científica, Amadorismo Inter-nético, Escrita de Blogues, Escrever de Si.

\* - Attico Chassot é licenciado em Química e doutor em Ciências Humanas. Professor e pesquisador do Centro Universitário Metodista, do IPA. O blogue aqui referido está em [www.atticochassot.com.br](http://www.atticochassot.com.br).

*La alegría y el rigor científico pueden coexistir.*

## *Resumen*

Este texto pretende demostrar cuánto los artefactos culturales post-modernos como los blogs pueden ser usados para producir alfabetización científica. El texto parte de la experiencia del autor cuya alfabetización fue en una pizarra y se hizo bloguista. Con el propósito de responder a tres interrogantes: *¿Qué escribo?* *¿Cómo escribo?* y *¿Por qué escribo?* el autor analiza el placer de la escritura y busca alternativas a la dificultad de escribir textos académicos. El texto se refiere a una Escuela [aquí considerada como cualquier establecimiento (de Educación Básica o de Enseñanza Superior)] que en la modernidad era diseminadora del conocimiento para transformarse en una receptora de conocimiento y cuestiona un vacío o abandono de la Escuela: la producción del conocimiento. Se alude a los problemas del “amateurismo” (aficionados o principiantes) en los escritos internéticos. Se hace referencia a los significados psicológicos acerca del escribir de sí mismo. Incluye además una comparación de las formas más tradicionales de escribir, como los diarios, con aquellas más modernas como los blogs.

*Palabras - Claves:* Alfabetización Científica, Amateurismo Internético, Escribir Blogs, Escribir sobre sí mismo.

## **Como partitura**

Nossos textos são datados e têm histórias. Defendo que tal não se possa sonegar ao leitor. Assim me permito começar com um ofertório na trazida dessas informações. No começo de 2008, aceitei, talvez um tanto afoitamente, participar da mesa-redonda *Educação Científica em Espaços Formais e Não Formais* no XIV Encontro Nacional de Ensino de Química, que aconteceu em julho na UFPR, em Curitiba. Estava na minha praia; afinal, participara de todas as edições desse evento bisanual, logo não cabiam apreensões.

Ao aceitar o convite, não me dava conta nem da extensão e nem da profundidade da proposta. Talvez até subestimasse sua importância. Quan-

do olhava o tema das duas outras mesas que ocorriam em paralelo: uma, *A Educação Especial e Inclusiva na Formação de Professores de Química: Desafios e Perspectivas*, e outra, *A Produção do Conhecimento Acadêmico e as Práticas Educacionais – Possibilidades e Desafios*, parecia que aquela que participaria seria a menos relevante. Devo preambularmente dizer que mudei muito de opinião enquanto busquei um assunto para meu segmento e depois quando me defrontei com um auditório lotado. Acertara em trazer um tema polêmico. Agora, passado alguns meses do evento, vi quanto foi significativo escolher falar de blogues como artefatos culturais pós-modernos para fazer alfabetização científica.

É muito bom, agora (outono de 2009), retomar aquele texto e prepará-lo para a revista *Competência*. Usualmente somos críticos nesse requentar de nossos textos. Com eles acontece um pouco como o café requentado. Perdem o aroma. Vou tentar superar isso na tentativa de fazê-lo novo. Aliás, um pouco adiante, vou discutir algo acerca do novo. Já antecipo aqui: o assunto que é objeto desse texto quer ser muito *novos*, mas envelhece – e se torna descartável – muito rapidamente. Só esse detalhe ratifica a exigência de datação de nossos textos. Presunçosamente, talvez possa tentar que se pareça com um café recém-passado.

Quanto à adjetivação de tema *polêmico* que conferi a esse escrito, reportava-me ao quanto a Academia é refratária a certos assuntos. O que eu propunha discutir era um deles. Todavia, certamente exagerei quando trouxe como catalisador para meu segmento a afirmação: *Anaxágoras foi expulso de Atenas há 2.500 anos A.P.<sup>1</sup> por sugerir que o sol era maior que o Peloponeso!*, dizendo que corria o risco de ser rejeitado pelo auditório por trazer algo profano: os blogues em um muito refinado ambiente acadêmico. Talvez, ao invés de polêmico, fosse mais bem posto rotulá-lo como alienígena à Academia.

<sup>1</sup> - A.P. significa Antes do Presente, correspondendo assim 2.500 anos A.P. a 500 anos antes de Cristo. Esta referência a tempo (quando não há necessidade e/ou possibilidade de uma datação exata) é mais universal, considerando a existência de outros calendários, que não têm no nascimento de Cristo o seu marco zero.

## Em busca de uma tese

Anuncio que não vou teorizar acerca de *Espaços Formais e Não Formais* (título proposto para a mesa-redonda), até porque acredito que essa separação seja anódina e cada vez mais imperceptível, ou pelo menos dotada de pouco sentido. Semanas antes do evento, instado pela profa. dra. Adria-

na Vitorino Rossi, coordenadora da mesa acerca do que desenvolveria no meu segmento, ocorreu-me, na pressa de responder a mais uma das muitas mensagens que nos chegam quase aos turbilhões, dizer que poderia partir da comparação de alguns artefatos culturais que usamos para fazer Educação: *formais* (livros e revistas) e *não formais* (os blogues). Aqui, tendo presente o quanto há de possibilidades de aprendizagens na rede, quando até as crianças do ensino fundamental “pesquisam” com buscadores internéticos, mais uma vez não me dava conta da audácia de minha proposta.

Todavia, essa classificação superficial, feita no correr da resposta a uma mensagem, serviu de cristal germinal para este texto. Visto que adiante vou falar do “como escrevo”, já antecipo aqui: ter um indez é um excelente facilitador. Por estar me envolvendo em questionamentos acerca da *rapidação* disseminação de conhecimentos, parecia oportuno trazer o tema a um fórum mais amplo. Uso esta palavra *rapidação*, que cunhei há muito, mas que hoje parece conjugar qualidades muito exigentes que estão presentes nos blogues: rapidez + ação. Assim, enquanto em 2008 tive um livro publicado (*Sete escritos sobre Educação e Ciências*), que levou mais de dois anos para vir a lume, vejo nos blogues uma instantaneidade, pois o que escrevemos hoje está no mesmo momento com nossos leitores. Aqui parece estar uma apropriada (mas, muito discreta) sinalização para comparar algo dos dois artefatos culturais que considero: livros e blogues. Posso dizer quase naturalmente que um livro leva dois anos para vir a lume, mas seria completamente *démodé* dizer que a cada dia trago a lume uma blogada. Talvez esse seja um exemplo de quanto as palavras sejam marcadas ou datadas e marcam também os objetos que vestem.

Por ser alguém que gosta de *brincar* com palavras, preciso fazer um comentário lateral. Há um tempo, em uma discussão acadêmica, defendia a necessidade da disseminação do conhecimento. Sou travado por uma linguista que me diz: “Não! Nós, mulheres! Nós não podemos disseminar conhecimento!”. Ante meu espanto, explica-me: “Não produzimos sêmen! Logo, não produzimos semente; logo, não nos cabe semear!”

Mesmo que possa brigar com meus alunos para que não usem americano ou norte-americano para se referirem a estadunidense, não costumo fazer tão rigoroso patrulhamento vocabular como minha colega. Quanto a “americano”, sabemos do uso generalizado de uma prática marcada pela prepotência de uma nação que faz do nome do continente seu gentílico, não

tendo em seu dicionário uma palavra que corresponda a “estadunidense” como há em outros idiomas. Mais recentemente tenho visto o gentílico, não dicionarizado: “us americano”. Aliás, nós também somos americanos. Só há mais outro país que se apropria do continente para fazer só seu o gentílico: a África do Sul. É quase natural o desconhecimento da imprensa e do comum das pessoas o gentílico estadunidense.

Feita essa já extensa digressão, volto ao texto. Não vou fazer o panegírico dos blogues e muito menos exorcizar os livros. Sei que aqueles têm na Academia uma usual resistência, como tudo que é novo. Vejam quantos ainda franzem o nariz quando dizemos que temos uma página ou uma comunidade no Orkut. A Wikipédia – um dos artefatos culturais que nos dias atuais faz a mais extensa democratização do conhecimento – é injustamente demonizada, sendo que há universidades que a colocam no índice. Já os livros são para mim objetos de desejo, com os quais mantenho um relacionamento quase obsessivo, sendo provavelmente os únicos artigos que disparam meu ser consumista.

Mesmo que não vá discutir aqui o significado de *novus*, antes dizia da usual resistência (da Academia) ao *novus*. Recordo que, há não muito, afirmava em aula, para alunos menos crédulos, que um telefone fixo com 20 anos de uso é mais novo que um telefone celular com dois anos. Lateralmente, devo professar que não apenas resisto, mas combato a neopatia<sup>2</sup> – a doença moderna cuja característica é ter sempre tudo novo. É um neopata quem tem (ou sonha em ter) o último modelo de aparelho de televisão, o último carro (hoje, por questão de segurança, isso se altera), o último computador, a última versão do Windows, o último telefone celular, a última câmera digital. Aliás, parece ser fácil aceitarmos que é o mercado que define a moda do momento para *bombar* nossos desejos. A ação verbal, ainda não dicionarizada, mas de muito trânsito entre os neopatas, foi escolhida com muita propriedade. A neopatia nos atinge gravemente em nossos afazeres. Ela é a vilã que não apenas erode nossas economias, mas também colabora para a degradação do planeta.

Mesmo que os blogues já datem de 1997, como me ilustra a Wikipédia, dicionários mais usuais da língua portuguesa (Aurélio ou Houaiss) não registram a palavra *blog*, e os editores de texto, salvo que a adicionemos ao dicionário, colocam-na sempre como errada. Eu, já há muito, aporuguesei *blog* para *blogue*, pois defendo que se deve escrever como se fala. Por outro lado, insisto em usar *sítio* ao invés de *site*, pois referir-se a “saite” soa antiestético.

<sup>2</sup> - Vi a palavra neopatia usada por primeiro pelo prof. dr. Guy Bajoit, da Universidade Católica de Louvain, em 9 de setembro de 1998, então professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos.

Para escritor ou autor de um blogue, prefiro a aceção usada em Portugal “bloguista” ao *brasileiro* “blogueiro” – uma e outra não estão dicionarizadas. Para mim, blogueiro carrega um preconceito como o que tem a palavra motoqueiro. Observa-se a diferença entre motociclista e motoqueiro. Assim me considero um bloguista, e não um blogueiro. Há ainda mais vantagem em favor da forma de Portugal. É um substantivo epiceno; claro que não vou testar aqui e agora os conhecimentos de gramática de ninguém acerca de epicenos.

A Wikipédia tem informações muito interessantes acerca de blogues e há uma muito curiosa ou pelo menos original, mesmo que possa ser dita como desprovida de valor: quase desafiaria quem soubesse responder por que dia 31 de agosto é o dia do blogue. Vejam a semelhança na escrita da data 3108 com a palavra *blog*. Mas isso é irrelevante e não é assunto para esse texto.

Agora, remexendo no texto de então, assumo a tese: *Blogues são ferramentas pós-modernas para se fazer alfabetização científica*. Não sei se essa releitura amplia ou restringe o uso dos blogues como instrumentais para fazer educação. Antes parece necessário outro comentário lateral: não entro aqui nas discussões acerca de educação presencial *versus* educação a distância. Muito menos me disponho a elencar vantagens e desvantagens de uma e de outra modalidade. Até porque assento meu foco em um recorte que nem é preocupação da Academia: “educação a distância não formal. Quando levanto a defesa da tese: *Blogues são ferramentas pós-modernas para se fazer alfabetização científica*, estou assumindo duas dimensões para essa tese. Uma que ela seja educação a distância e outra que ela seja não formal; isto é, fora da Escola”. Fiz uma rápida pesquisa com um grupo de acadêmicos. Praticamente tudo que sabiam acerca de Darwin e mesmo do evolucionismo não aprenderam na Escola. Escola aqui considerada como qualquer estabelecimento (de Educação Básica ou de Ensino Superior). Isso me autoriza a trazer aqui outra tese.

Tem-se a história (ocidental) de civilização marcada por rupturas paradigmáticas que definiram marcos e fizeram disciplinarização: Séculos 16/17: geocentrismo  $\Rightarrow$  heliocentrismo; Século 18: flogisto  $\Rightarrow$  oxigênio; Século 19: criacionismo  $\Rightarrow$  evolucionismo; Século 20: consciente  $\Leftrightarrow$  inconsciente; neste novel Século 21, entre muitas transições paradigmáticas que vivemos, há uma que talvez imperceptível, mas muito significativa: foi feita uma nova Escola.



Uma de nossas preocupações é pensar o que nós, professoras e professores, vamos fazer nessa Escola que nós não mudamos, mas que foi mudada. Ela não é mais a referência como lugar de transmissão do saber, como foi desde seu surgimento na aurora da Modernidade (especialmente, devido à Reforma Protestante), mas se vê assolada pela chegada invasiva, incontrolada e massiva de novos conhecimentos. E isso não lhe dá alegrias. Seu argumento: junto com o trigo vem o joio. Mais uma vez, vitupere-se a Wikipédia que tem “coisas” erradas.

Assim, quando trago aqui as possibilidades de os blogues fazerem alfabetização científica, é preciso ter em mente novas realidades presentes na Escola. Elenco pelo menos cinco: a) tecnodependências, cada vez mais exigentes que nos tornam muitas vezes reféns, por exemplo, de um *data show* ou de Power Point ou de um telefone celular; b) uma hiperconectividade que nos faz cada vez mais cidadãos públicos e invadidos em nossas privacidades (Orkut, Facebook, Second Life, Twitter...) e também altera, inclusive, as relações amorosas; c) o fim do efêmero onde nossa passagem deixa rastros que mesmo quando pensamos apagados podem ser “ressuscitados” (por exemplo, pelo Google Desktop), por outro lado há perda dos valiosos rascunhos ou páginas comentadas; d) o (não-) engajamento crítico que passa a ser primeiro uma exigência que pode conduzir à participação construtiva ou – ante sua renúncia – pode conduzir a uma alienação que leva a uma vida cultural vegetativa; e) os cada vez mais tênues limites entre o humano/não humano que nos fazem a não nos darmos conta de quanto os robôs são copartícipes de nosso cotidiano; e f) a brecha cada vez maior que se estabelece entre os que têm acesso ao conhecimento e os marginalizados (falo adiante dos que pertencem ao MS@). Talvez a maior revolução que deva ocorrer nessa Escola que foi mudada – repito que estou considerando todos os níveis de escolarização – é que assuma o seu papel de produtora de conhecimento; não apenas de transmissora, e muito menos cerceadora do conhecimento.

Claro que não podemos ser ingênuos. Todavia, também não apóstolos do apocalipse.

Respeito opiniões como as de Andrew Keen, um escritor britânico que se notabilizou por suas críticas aos “erros que poluem a rede”, especialmente às iniciativas, como a Wikipédia, administradas por amadores. No livro *O culto ao amador*, Keen (2009) apresenta argumentos contrários ao domínio das ferramentas internéticas por neófitos, além de apon-

tar graves prejuízos ao pensamento preestabelecido e corrente à maioria da população. Para Keen, blogues, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Num meio onde toda a gente tem uma voz, a verdade não se faz por discussão racional; mas, por consenso. Os motores de busca que todos usamos são a prova de que “verdade” é tudo aquilo que os internautas elegem como verdade. É assim que a Wikipédia tem mais sucesso e autoridade do que, por exemplo, a vetusta Encyclopaedia Britannica. E acrescenta que em uma cultura *on-line* em que a propriedade intelectual é livremente trocada, baixada e recombinaada, a proteção aos direitos autorais está em perigo: artistas, autores, jornalistas, músicos, editores e produtores têm os frutos de seu trabalho criativo usurpados. Além disso, o anonimato da rede cria um ambiente em que pedófilos e ladrões de identidade, por exemplo, podem agir livremente.

Repito, aceito estas análises. Todavia, elas lembram-me o *luddismo* – é o nome do movimento contrário à mecanização do trabalho trazida pela Revolução Industrial. Adaptado aos dias de hoje, o termo luddita (este nome deriva de Ned Ludd, um dos líderes do movimento) identifica toda a pessoa que se opõe à industrialização intensa ou a novas tecnologias. Os ludditas ficaram lembrados como “os quebradores de máquinas”. Não será Andrew Keen uma reencarnação de Ned Ludd?

## Os blogues e um bloguista

É preciso dar-mo-nos conta do quanto com blogues podemos usufruir de uma *rapidação* na difusão do conhecimento... Um livro chega a levar dois anos entre o tempo de entrega a uma editora. Num blogue, o que produzimos hoje é lido hoje, instantaneamente em diferentes latitudes e longitudes. E mais, esses escritos são menos efêmeros do que se imagina. Não raro, meses depois de postado um assunto, se está recebendo retornos ao mesmo. Logo, não vale para uma lauda blogada aquilo que o senso comum atribui para o jornal de ontem: só serve para enrolar peixe. Lamento apenas que nossos leitores não tenham o hábito de comentar os escritos. Talvez menos de 2% da meia centena de leitores que visitam meu blogue deixam comentários. A possibilidade de interação dos participantes no binômio escrita  $\Leftrightarrow$  leitura – uma das mais emocionantes criações dos humanos – faz os blogues instrumentos que levam grande vantagem sobre os livros.



Desejo trazer a seguir três dimensões do meu ser bloguista. Minha análise pode ser suportada pela tentativa de compartilhar, aqui e agora, respostas a três interrogações: O que escrevo? Como escrevo? Por que escrevo? A primeira é de fácil resposta. A segunda vai trazer algo de como iniciar um texto. A terceira, mais complexa, já mereceu contribuições de leitores de diferentes linguagens e países. Já antecipo que talvez ainda tenha que buscar ajudas psicanalíticas para responder esta terceira pergunta. Quase antecipo que nesse ensaio só dê conta da resposta a primeira e talvez um pouco da segunda das perguntas.

Mas antes de responder – ou melhor, tentar responder – uma e outra das perguntas, é preciso dizer algo sobre o cada dia colocar algo com um determinado cuidado literário, correspondente acerca de três páginas de um livro.

Se pensarmos em um livro com em torno de 300 páginas, significa que a produção escrita do blogue corresponderia à produção anual de mais de três livros com aquele volume de páginas. Se nos dermos conta de que há um cuidado pelo ineditismo de cada texto (muitas vezes baldado por causa da periodicidade cíclica das postagens) e também de se fazer muitas poucas vezes transcrições de outros autores, só isso é uma razoável (ou, pelo menos, extensa) produção literária.

A demonstração da quantidade do material produzido surpreendeu até a mim quando fiz esse cálculo, na preparação da fala que originou esse texto. Devo dizer que já tive convite de um editor para fazer seleção de algumas edições do blogue para publicá-las em suporte papel. Fiz uma tentativa de seleção, mas parece que os textos blogados resistem a outro tipo de materialização.

## **O que escrevo?**

Os dados recém-apresentados são facilitadores para responder a primeira pergunta: *O que escrevo?* As edições diárias têm perfis diferenciados, mas têm um fio condutor: a presença constante de *um discreto diário*. Parece-me, mesmo quando vá falar de um assunto acadêmico mais árduo, que preciso dar a cada edição uma marca pessoal e contextualizar no cotidiano. Esse cunho pessoal tem duas faces: de um lado, uma dose (aqui confessada) de exibicionismo do bloguista, e de outro, certo voyeurismo dos leitores; essas duas

faces são como nos programas do tipo Big Brother. Os blogues se extravasam, ou melhor, se deleitam nessas duas faces. Talvez pelo fato de no meu caso o bloguista ser um professor com certa inserção nacional, há alguma tietagem bimodal. Essa marca do pessoal pode ser um discreto comentário meteorológico (e isso já deu azo a obter a revelação de uma leitora, que vou contar adiante), algo sobre a agenda do dia ou relato de detalhes do local de onde está sendo feito a blogada.

Com essa marca de fazer um “diário” usualmente presente, eis algumas variações de diferentes perfis cotidianos:

A) *Diário de um mestre-escola*: [a modo de agenda eletrônica] conto das aulas que vou dar (falo da preparação das mesmas)/que dei (comento sucessos ou frustrações), mostro avaliações aplicadas e suas correções, comento desafios pedagógicos como naquele do 47º ano de magistério ter que pela primeira vez lecionar Políticas de Educação no Brasil para alunas e alunos de quatro licenciaturas diferentes, entre estas, uma turma de 60 alunas e alunos de Educação Física. Também, desde que mais recentemente (2007) passei a ser professor do Centro Universitário Metodista – IPA, tem sido me oportunizado trabalhar disciplinas inéditas para mim (Políticas da Educação Brasileira e Didática Geral – nesta, inclusive, para quase meia centena de estudantes de Música). Em 2009/1 (quando reescrevo este texto), trabalho com uma turma de Prática Pedagógica para licenciados em Filosofia. Detalhar as atividades que faço com o grupo tem oferecido, no comentário insuspeito de alguns leitores, alternativas para professoras e professores fazerem algo semelhante em suas salas de aula. Por serem esses os profissionais que acredito ser meu público mais fiel, tenho buscado um maior adensamento nesse primeiro perfil.

B) *Diário de viagem*: narro minhas viagens, usualmente a trabalho. Assim, quando em julho de 2008 estive em Pedras de Fogo, que, provavelmente, nenhum de meus leitores sabia onde era, estes viajaram comigo cerca de 6 mil quilômetros em menos de dois dias. Minhas viagens de férias ganham espaços e têm consequências: um médico de Porto Alegre, que não me conhecia, um dia escreve-me uma mensagem em que dizia que incluía a Croácia e a Eslovênia em seu roteiro pelo que leu acerca de minhas andanças nesses dois países em fevereiro de 2008. Quando voltou, foi a minha casa levar-me um mimo de viagem. Vale referir que, às vésperas da milésima blogada, já foi postado em 64 cidades diferentes: 23 no Rio Grande do Sul; em 27 cidades (de

12 outros estados do Brasil); e 14 de 10 outros países. Isso também significa postagens em aeroportos, rodoviárias, ônibus, etc. Cada um desses locais de postagem foi de certa maneira geografado e/ou historiado no blogue. As conexões à Internet mudaram significativamente nesses meus quase três anos de bloguista. Claro que Panambi ou Três de Maio ganham mais visibilidade que Porto Alegre. Taimbé ou Pedras de Fogo, que Rio de Janeiro ou Brasília. Ou ainda Split ou Guanajuato, que Paris.

C) *Divulgação da Ciência*: esta tem sido uma das minhas preocupações maiores. Exemplifico, na primeira semana de julho de 2008, em atenção ao fato de que o mundo mudou no dia 1º de julho de 1858, pois, há 150 anos, um grupo de naturalistas reunidos na Sociedade Lineana de Londres ouviu a leitura da teoria da evolução pela seleção natural pelo galês Alfred Russel Wallace e o inglês Charles Robert Darwin. Por isso, pareceu importante que, em tempos de ressurgimento de “fundamentalistas assentados no criacionismo”, fosse preciso conhecer um pouco de como se deu/dá/dará a construção do evolucionismo. Nesse 2009, no entorno da recordação dos 200 anos do nascimento de Darwin, associado aos 150 anos da primeira edição do livro *A origem das espécies*, houve várias edições darwinianas com discussões especiais acerca de criacionismo *versus* evolucionismo. Em outubro, quando do anúncio dos laureados com o Prêmio Nobel, o assunto merece destaque.

D) *Atenção aos assim chamados formadores de opinião*. Na defesa dos movimentos sociais – tidos, muitas vezes, como inimigos por alguns –, por tal tem havido sucessivas edições em defesa do MST. Recentemente, as ações do Ministério Público contra as Escolas Itinerantes fizeram do blogue um espaço para arrecadar adesões em favor da Educação ligada ao MST. Muito cedo, leia-se com quase pioneirismo, houve posicionamentos, marcados por argumentação assentada em estudos contra o assim chamado “reflorestamento” que transforma a metade Sul do Estado em “desertos verdes”.

E) *Um espaço de resenhas [uma maneira de fazer ciberliteratura e de motivar a leitura de livros]*: há tempo deixei de ter um espaço onde escrevia resenhas. O “Leia Livro”, um excelente portal dedicado à difusão do livro, mantido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, parece que morreu. Agora o sítio está inerte. Muito me envolvi nele, escrevendo, por mais de 2 anos, a partir de agosto de 2004, fazendo partilha de minhas leituras. Fiz ali 77 resenhas. Tenho usado o blogue para repartir com meus leitores os livros que leio. Há não muito recebi de um assíduo leitor a sugestão de reservar uma

edição semanal para resenha. Muito provavelmente programo isso para as blogadas sabatinas. Já fiz algum ensaio com a sugestão do historiador Marcos Bastos. Em evento de etnomatemática, encontrei uma ex-aluna, hoje doutoranda na UnB, que me disse: “Lá em casa, vez ou outra consultamos as resenhas do Chassot para ver o que ele está lendo e buscar inspiração”. Claro que isso envaidece um bloguista. Os filmes a que assisto usualmente são também trazidos aos leitores, acrescidos de algumas leituras, que às vezes extrapolam a narrativa cinematográfica, buscando uma contextualização (histórica).

F) *Um local para mostrar o que guardam os baús.* Como tenho amalhado diários completos de algumas décadas e por estar preparando um livro para celebrar meus 50 anos como professor em 2011, o blogue tem sido mais recentemente um local para mostrar um pouco o que guardam os meus baús de memórias. Aqui baú está sendo usado em duas dimensões: a material e a espiritual. Uma e outra têm fornecido bastantes subsídios para evocativas blogadas que vão além do “guri paleolítico de Jacuí” que se alfabetizou escrevendo com estilete em uma pedra. Ele hoje se faz bloguista com um microcomputador, depois de ter usado pena de aço, caneta tinteiro, celebrado em 1954 a chegada da caneta esferográfica, usado uma máquina de escrever Remington no começo de seus anos de magistério e ter em 1989 adquirido um computador que não tinha disco rígido. Estou convencido da importância de escrever acerca de nossas memórias, pois elas fazem história (CHASSOT, 1996). Acredito no mote: “Quando morre um velho é como uma biblioteca que queima”.

Parece que a pergunta “O que escrevo?” foi respondida na descrição desses seis perfis que traduzem as quase 1.000 edições postadas desde 30 de julho de 2006.

### **Como escrevo?**

Tenho um recurso para vencer a assim chamada “síndrome da folha em branco” ou, para usar uma metáfora mais adequada à pós-modernidade, “o pavor ante uma tela por desvirginar”. Nessas situações, socorro-me de algo que tem a ver com minha formação em Química. Quando se tem uma solução salina que contenha eletrólitos que, por diferentes parâmetros físico-químicos, cristalizam com dificuldade, usa-se um germen de cristalização. Coloca-se na solução, amarrado com um tênue fio de linha, um pequeno cristal e desencadeia-se, então, a cristalização que estava inibida e, em redor

do cristal semente, as diferentes espécies iônicas vão se arranjar produzindo, não raro, lindos cristais. Quando tenho texto para redigir, geralmente me dou conta de que já escrevi algo sobre o assunto. Procuo em meus arquivos um pequeno excerto, então, que vai funcionar como gérmen de cristalização. Nessa operação, o Google Desktop<sup>3,4</sup>, é um excelente parceiro – sem me dar conta, chamo um *buscador internetico* de parceiro, como se fosse um auxiliar de pesquisa –, pois me localiza até mensagens eletrônicas pertinentes. São os robôs do Google fazendo aquilo que em outros tempos faziam os bolsistas que auxiliavam os pesquisadores. Sem falar nas pesquisas realizadas por esses maravilhosos robôs no Google Acadêmico.

Não sei quantos dos leitores conheceram uma prática de nossas avós, que a biopirataria das multinacionais que dominam o mercado dos galináceos sequestrou de nossos cotidianos, de usar um indez – este pode ser um caramujo ou uma pedra que se assemelhe a um ovo – para atrair galinhas em postura para colocar ovos em determinado ninho. Meu indez se constitui em uma alternativa para dar a partida.

É preciso que confesse que há edições dos blogues que têm inúmeras redações, em madrugadas insones, na hora de exercícios físicos, especialmente durante a chatice do esteirar ou em viagens, em meu *lapkopf*. Atenção! Não estou me referindo a *laptop*. Criei, já há um tempo, a palavra *lapkopf*, aproveitando o substantivo alemão *kopf* (cabeça), por semelhança eufônica com *laptop*, para referir-me ao local de gestação de texto que faço em um disco não tão rígido e também com poucos recursos de salvar. Este texto, especialmente nesta reescrita outonal, foi também mexido e remexido no *lapkopf*, enquanto a versão (quase) final foi sendo gestada. Assim como uma mãe, durante a gravidez, curte preparar o enxoval do nascituro, muitas vezes, especialmente quando não havia tempo para uma imersão mais profunda em alguns de outros textos – e aqui outra informação para este *como escrevo*: tenho usualmente em produção simultânea dois ou mais textos –, vinha embalar este na tentativa de responder o que escrevo e por que escrevo.

Seria preciso referir ainda as exigências estilísticas dos blogues: talvez vivamos o prelúdio de um novo gênero literário, de uma nova narrativa? É necessário fazê-lo em um texto comprimido pela pressão dos caracteres disponíveis. Devo confessar que não é raro, ao ter que cumprir a blogada nossa de cada dia, estar sem assunto. Lembro muito uma pergunta que minha mãe fazia, invariavelmente, a cada noite. O que vou cozinhar amanhã? Claro, para quem tinha que

<sup>3</sup> - O Google Desktop [<http://desktop.google.com/>] pesquisa aquilo que temos em nosso computador. É um recurso excelente, com muito mais eficiência que o “pesquisar do Windows”, pois não se restringe às locuções exatas, mas procura com mais amplitude trazendo os arquivos ordenados pelo uso mais recente, com descrição que nos permite melhor escolher.

<sup>4</sup> - Há um tempo (11 fev. 06), a EFF (Electronic Frontier Foundation) sugeriu que os internautas não usassem a nova versão do Google Desktop anunciada. Segundo a Fundação, o novo produto pode representar uma “loja de conveniência para *crackers*”. Isso porque ele armazena informações sobre os arquivos de seus usuários em servidores do Google. A vantagem é que, dessa forma, o usuário pode fazer buscas em seus arquivos a partir de qualquer computador.

prover nove bocas, com poucos recursos, a busca de alternativas era árdua. Eu, no presente, me defronto com uma pergunta que me assalta durante o dia: acerca de que vou escrever no blogue? Há dias nos quais os assuntos são naturais. Talvez a primeira definição é qual será o modelo de blogada, dentre aqueles que elenquei antes. Definido o modelo, a redação fica facilitada. Há dias que sou estéril na produção de textos... Em outros, há uma fertilidade que me excita intelectualmente. Mais recentemente (março de 2009), alterei o horário de postagem das blogadas. Agora procuro fazê-lo quase como primeira atividade (antes fazia ao entardecer). Isso me traz também uma tranquilidade e a sensação de *dever* cumprido. Essa afirmação pode parecer um paradoxo. Faço do redigir blogue um momento de grande fruição intelectual – leia-se: atividade de recreio (como resolver sudoku ou palavras cruzadas) –, entretanto isso também se faz presente como um dever a cumprir. Mas já estou antecipando algo da terceira pergunta.

Talvez uma das maiores dificuldades no escrever esteja em não se saber a respeito do público-alvo. Quando elaboramos uma palestra, ou um parecer a uma dissertação ou tese, ou mesmo um artigo ou livro, temos o interlocutor imaginário. No blogue isso parece se fazer um pouco mais distante.

Assim, merece aqui um comentário acerca de meus prováveis leitores. Tenho em média 50 visitas diárias. Há alguns – poderia citar o nome de uma meia dúzia – que reconheço por sua fidelidade e até por um continuado incentivo. Em muitos eventos que vou, deparo-me com alguns que me acompanham em minhas andanças. Por exemplo, quando estive no evento que apresentei uma prévia deste texto, encontrei alguns leitores. Assim, o Thiago Cristofoli comentou comigo detalhes de minhas andanças pelas bordas da Paraíba com Pernambuco na semana anterior ao evento.

Há surpresas. No dia 20 de junho de 2008 finalizei a blogada assim: “Encerro com votos de um muito bom inverno, e, para meus eventuais leitores do hemisfério Norte, desejo um muito bom verão”. Não sei que votos expressar a leitores como os de Belém, que parecem não ter, pela proximidade do Equador, definidas estações como quem vive no Paralelo 30. A todos adito votos de um bom fim de semana. A referência àqueles próximos da linha do Equador devia-se ao fato de ter uma querida comunidade de amigos leitores em Belém do Pará, logo não desfrutam daquilo que chamamos, por exemplo, de primavera ou inverno.

Pois no dia seguinte sou encantado com a presença de uma leitora que vive próximo da linha do Equador e que faz uma sugestão para os votos aos residentes em paralelos próximos ao zero. Vejam este querido comentário:



“Debería desearnos vientos frescos para apaciguar el sol que calienta el año todo. Mis felicitaciones, Profesor Chassot, me encanta su manera ligera y a la vez profunda de expresar sus ideas. Saludos desde el siempre cálido Guayaquil, justo en el Ecuador, Matilde Kalil”.

Dias depois, resposta a uma pergunta: “Soy del área Psicología Social y trabajo en Investigación de Mercados desde hace más de veinte años. La alegría por leerlo es grande, por haber encontrado un espacio de aprendizaje y pensamiento crítico valioso”. Esta resposta, um dos mais significativos retornos ao meu fazer pedagógico com artefato cultural pós-moderno, parece traduzir o êxito do trabalho na proposta de fazer do blogue um espaço privilegiado para produzir alfabetização científica.

Talvez valesse recordar que o que difere os ricos – pessoas ou países – dos pobres não é só que os pobres possuem menos bens, mas é o fato de que a grande maioria deles está excluída da criação e dos benefícios do saber científico. Há uma exclusão daqueles que não têm um endereço com arroba. Nós defendemos a inclusão, mas os excluímos, quando dizemos, por exemplo, que, para aqueles que desejarem as lâminas de uma palestra nossa, é só pedir que as enviamos. Ocorre que só enviamos para quem tem correio eletrônico. Assim como tem o MST, ou Movimento dos Sem-Teto, devemos ajudar a diminuir o número dos presentes no MS@ – movimento daqueles que não têm um endereço onde consta arroba – Movimento dos Sem @. Nós que ascendemos à Academia é que devemos ajudar a disseminar o saber científico. Logo, meu pretense fazer alfabetização científica com o blogue é elitista. Só atinjo os que não fazem parte do MS@, e destes, ainda os que têm tempo e acesso fácil a conexões de banda larga.

## **Por que escrevo?**

Há muito tempo tenho uma pergunta quase existencial. Essa pergunta já teve ajudas para respostas de vários de meus leitores. Tenho cerca de 9,3 mil dias (quase 25,5 anos) de diários ininterruptos sem faltar um dia, mesmo que mais de uma vez escrevesse até em UTI. Tenho ainda, anterior a 1984 (quando começa a série contínua de 26 volumes), alguns volumes esparsos. Já escrevi mais de um texto acerca da arte de escrever diário (CHASSOT, 2001; 2005). Logo, cabe ao interrogante, uma vez mais, tentar dar respostas a algo que se faz capital: *Por que escrevo?*

Uma tentativa de resposta está no desafio, no prazer intelectual para buscar tessituras e construir um texto. A minha fruição intelectual ou um prazer no escrever é algo que gostaria de testemunhar. Defendo a tese do quanto o escrever diários é uma alternativa para transformar escrevinhadores em escritores. Para justificar meu apego aos fazer diários, gosto de citar Oscar Wilde (1854-1900)<sup>5</sup>: “Nunca viajo sem o meu diário. É preciso sempre ter alguma coisa sensacional para ler no trem”. Se a minha tese não for válida, restará um subproduto muito precioso, do qual pelo menos nós seremos leitores encantados, mesmo que isso possa parecer narcíseo.

<sup>5</sup> - Esta citação está no texto “O umbigo vitoriano”, resenha do livro *O coração desvelado*, de Peter Gay, elaborada por Nicolau Sevcenko para o *Jornal de Resenha – Folha de S.Paulo*, p. 8, 12 de junho de 1999.

Da minha experiência de mais de uma década na orientação de mestrandos e doutorandos e especialmente no cotidiano de sala de aula, liminarmente poderia afirmar não encontrar muitos entusiasmados nos discentes pelo escrever. Nos Programas de Pós-Graduação há a constatação: tiveram mais de quinze anos de estudo formais e não sabem redigir. O escrever é rotulado como algo traumático. É corrente a afirmação: “Já fiz os créditos; agora, só falta a tese ou a dissertação”. Mas, é quando está faltando o mais árduo ou até faltando quase tudo.

Procurando outras situações e lembro-me, então, de Feyerabend (1996, p. 178)<sup>6</sup> quando diz: “Escrever tornou-se uma atividade muito agradável – quase como compor uma obra de arte”. Talvez devêssemos buscar explicar também por que temos estudantes que gostam de escrever e o fazem com competência. Por que há aqueles que escrevem com estilo eskorreito? Aventuro-me e permitam-me ser reducionista e trazer uma hipótese para explicar por que o escrever é algo prazeroso para mim: o redigir diários, primeiro e mais recentemente blogues, é um facilitador do exercício da escrita. Não estou assumindo que os blogues decretaram o fim dos diários. Mas, quando se fala em *escrever diários* se trata de considerar a *escrita das coisas da gente*. Isso pode demandar extensas discussões. Estas podem se iniciar com os instrumentais que estes artefatos culturais podem se constituir para os psicanalistas como muito bons instrumentos para suas avaliações. Contardo Caligaris (1997) diz que “falar ou escrever de si – e nisso traz a adesão de Foucault (1980) – é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito, subordinada à sua sinceridade”. Aliás, aqueles que se dedicam ao gênero autobiografia como fonte de seus estudos dão destaque a esses tipos de escritos como valiosos por serem histórica e culturalmente datados. Talvez seja por isso que, nós outros, não estudiosos do gênero autobiográfico,

<sup>6</sup> - Sobre a obra *Matando o tempo*, escrevi uma resenha: “O desvelar-se de um mito incógnito. Episteme”. ISSN 1413-5736 04008 v.4, n. 8, p. 177-179, 1998.

nos sentimos muitas vezes como *voyeurs* quando lemos diários e também porque esse gênero literário (diários e autobiografia, especialmente aquelas que são “confissões” – das quais Santo Agostinho é um dos inauguradores da prática) é por demais apreciado. Hoje, há estudos historiográficos envolvendo tais textos (VIÑAO, 2000). Quando em 1999 tive um câncer, fiz escritoterapia. Produzi um livro (*Uma rapsódia prostática*) que, mesmo inédito, já ajudou algumas pessoas, inclusive um estadunidense e um dinamarquês.

É verdade, e talvez já devesse ter dito isso antes, já que diários, e uma vez mais amplio isso aos blogues ou até às *webcams*, são textos de “escrever de si” – enquanto uma catarse necessária –, e o quanto este artigo não foge à norma, e por isso, também, intimista.

### **E a alfabetização científica nos blogues?**

Para responder esta pergunta, que abre o segmento de encerramento deste texto, retomo o que está em outro livro (CHASSOT, 2000) e trago, uma vez mais, uma descrição de Ciência, que, mesmo que possa parecer reducionista, serve para os propósitos das discussões que se quer fazer neste encerramento. A Ciência pode ser considerada como *uma linguagem construída pelos homens e pelas mulheres para explicar o nosso mundo natural*. Compreendermos essa linguagem (da Ciência) – como entendemos algo escrito numa língua que conhecemos (por exemplo, quando se entende um texto escrito em português) – é podermos compreender a linguagem na qual está (sendo) escrita a natureza. Também é verdade que nossas dificuldades diante de um texto em uma língua que não dominamos podem ser comparadas às incompreensões para explicar muitos dos fenômenos que ocorrem na natureza. Por exemplo, é provável que alguns dos leitores deste texto não saibam distinguir se uma página de um livro ou de uma revista está escrita em sueco ou em norueguês, assim como deve haver nórdicos que talvez não reconheçam a diferença entre um texto em português e um em espanhol. Essa é a analogia que busco quando falo na Ciência como uma linguagem.

Entender a Ciência nos facilita, também, que possamos contribuir para controlar e prever as transformações que ocorrem na natureza. Talvez o mérito mais significativo de meu ser bloguista é buscar levar meus leitores a uma mirada crítica do mundo e dos acontecimentos e fazê-los pensar/questionar-se. Modestamente diria que sou um alfabetizador nas coisas da Ciência. Assim, teremos condições de fazer que estas transformações sejam

propostas para que conduzam a uma melhor qualidade de vida. Isto é, se quisermos colaborar para que estas transformações que envolvam o nosso cotidiano sejam conduzidas para que tenhamos melhores condições de vida. Isso é muito significativo. Talvez de maneira continuada não tenha feito mais do que isso em meu blogar cotidiano. Sei que muito pouco. Mas para mim vale o gratificante investimento. Pretendo continuar. E é muito bom ter nisso a adesão de mulheres e homens que me fazem parceria.

### *Referências*

CALLIGARIS, Contardo. 1997. “Verdades de autobiografias e diários íntimos”, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/236.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/236.pdf) acessado em 20/05/2005.

CHASSOT, Attico. Sobre o ferramental necessário para o trabalho de escrever. *Estudos Leopoldenses*, v. 32, n. 148, p. 37-55, 1996.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação*. 4. ed. 2006, 438 p. ISSN: 8574291455, Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

\_\_\_\_\_. Sobre a arte de escrever diários. *Entrelinhas*, ano 1, n. 1. p. 11-15, março de 2001.

\_\_\_\_\_. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 22, p. 89-100, 2003.

FEYERABEND, Paul. *Matando o tempo*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

KEEN, Andrew. *O culto do amador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2009.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografias, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipologías y usos. *Teias: Revista da Faculdade de Educação/UERJ*, n. 1, p. 82-97, jun. 2000.